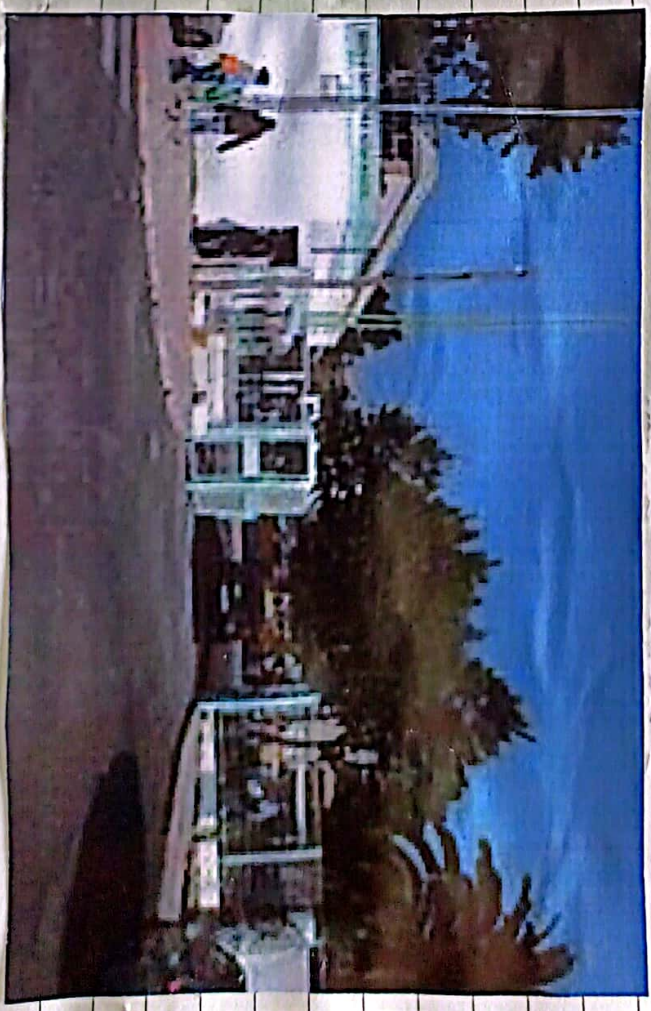


Escola Básica e Secundária

Mãe d'água
(Concelho de Amadora)

Espécies de recreio

da minha escola



Somos um grupo de diversas
aves (5º ao 9º ano), frequentamos parte
do Clube Eco-Escola e andamos
a explorar o espaço exterior da
escola.

ALICIA SERRA

a) Espécie animal

- Lagosta ("Sardão")
- Pardal
- Melres
- Foenigos
- Abellós

b) Espécie vegetal

- * Malva
- Treina
- Peleano (árvores)
- * Funcho selvagem

o. Melro-preto (Turdus merula)

O Melro-preto é das espécies mais reconhecidas, temanda a adria a pena desta ave no geral. Verdes das principais localidades da nossa comunidade



Identificação

Não apresenta dificuldade de identificação geral, mas a coloração geral preta no macho e a presença de manchas brancas nas fêmeas e das facilidades de identificação desta espécie é mais fácil.

Abundância e calet

Localmente abundan

território, ocorrendo

florestas, a zonas de

densos e também ga



Querias
saber mais...

a) Espécie animal

- Lagarto ("Sardão")
- Pombos
- Melões
- Pardal Comum
- Foenigos
- Abelhas

b) Espécie vegetal

- * Malva
- Treina
- Pastano (arvore)
- * Truncho Selva gem

Melro-preto (*Turdus merula*)

O Melro-preto é das espécies mais sociabilizadas, tornando-se muitas vezes a praga de algumas variedades de pomares locais. Há também o melro-branco.



Identificação

Não apresenta dificuldades de identificação, sobressaindo, no caso dos machos, a coloração geral preta, bico alaranjado e auréola amarelada em torno do olho. Tanto no macho como na fêmea, as patas são compridas e a cauda também. O padrão geral das fêmeas e dos juvenis é acastanhado com algumas riscas ténues. Apesar das facilidades de identificação, pode no entanto ser confundido com o **estorninho-preto**, sobretudo em condições de luz fraca. Ainda assim, a plumagem desta espécie é mate, enquanto a dos estorninhos é brilhante.

Abundância e calendário

Localmente abundante, o melro-preto é das espécies mais bem distribuídas pelo território, ocorrendo numa variedade enorme de habitats, desde bosques e florestas, a zonas de pastagens com sebes, parques e jardins urbanos, matos densos e também galerias ripícolas. Está presente no país durante todo o ano.

Pardal - Cereum (Passer domesticus)

Uma das mais abundantes espécies da nossa avifauna, e provavelmente a mais comum. A grande maioria sabe que o pardal - cereum se estabelece em ambientes urbanos, sendo bastante fácil de detectar.



Identificação
O facto de coexistir com características sejam fac plumagens diferentes, a coroa cinzenta, os loros fêmeas não possuem barba acastanhada e uma lista próprio das aves granivoras.

Queres saber mais...
↑

Pardiz - Comum (Alectoris rufa)

Não é mais comum surpreendida por um bando de perdizes a atravessar o estrado. Esta espécie é muito colicada por caçadores e frequentemente objecto de programas de gestão cinegética.



Identificação
Com o seu aspecto de A plumagem é composta a garganta branca orla vermelhas. Os juvenis

Queres saber mais...
↑

Pardal - Comum (Passer domesticus)

Uma das mais abundantes espécies da nossa paisagem, e provavelmente, a mais cosmopolita, desde há muito que o pardal - comum se estabelece em ambientes urbanos, sendo bastante fácil de detectar.



Identificação

O facto de coexistir com o homem no mesmo ambiente faz com que as suas características sejam facilmente apreciadas. Os machos e as fêmeas apresentam plumagens diferentes, sendo o primeiro caracterizado pelo bafejo preto, a testa e a coroa cinzentas, os loros escuros e o dorso acastanhado com marcas escuras. As fêmeas não possuem bafejo nem os loros escuros, apresentando a plumagem acastanhada e uma lista creme desde o olho à nuca. O bico é grosso, como é próprio das aves granívoras.

Abundância e calendário

O pardal - comum é bastante abundante ao longo do território, sendo geralmente ubíquo em zonas humanizadas, tanto em grandes cidades como em aldeias ou lugaresjos habitados. Ocorre durante todo o ano, podendo formar bandos de grandes dimensões, especialmente em zonas agrícolas ou em dormitórios de parques urbanos.

Pardiz - Comum (Alectonis rufa)

Não é mais comum surpreendida por um bando de pardizes a estacionar a estrada. Esta espécie muito colicada por espadeiros é frequentemente objecto de programas de gestão cinegética.



Identificação

O seu aspecto de imagem é composto por uma mancha branca arredondada na cabeça e no pescoço. Os juvenis são semelhantes aos adultos.

Abundância e calendário

É bastante comum em zonas densamente povoadas, ocorrendo sobretudo em Portugal. É bastante comum em zonas densamente povoadas, ocorrendo sobretudo em Portugal. É bastante comum em zonas densamente povoadas, ocorrendo sobretudo em Portugal.



Aves

as mais

o o

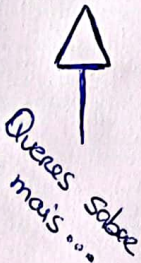
o Pardal - Comum (Passer domesticus)

Uma das mais abundantes espécies da nossa avifauna, e provavelmente, a mais comum, desde há muito que o pardal - comum se adapta a ambientes urbanos, sendo bastante fácil de detectar.



Identificação
O facto de coexistir com características sejam fac plumagens diferentes, a coroa cinzenta, os loros fêmeas não possuem bar acastanhada e uma lista próprio das aves graniv

Abundância e calendário
O pardal - comum é bastante ubíquo em zonas humanizadas, em grandes dimensões, em parques urbanos.



o Perdiz - Comum (Alectoris rufa)

Não é uma espécie surpreendida por um bando de perdizes a afazerem a entrada. Esta espécie muito utilizada por caçadores é frequentemente objecto de programas de gestão cinegética.



Identificação
Com o seu aspecto de galináceo, a perdiz é praticamente inconfundível. A plumagem é composta por tons de cinzento, preto, branco e ruivo. Destacam-se a garganta branca orlada de negro, o ventre ruivo, o bico vermelho e as patas vermelhas. Os juvenis são acastanhados.

Abundância e calendário
Relativamente comum em todo o país, embora sendo escassa nalgumas zonas do litoral. Ocorre sobretudo em zonas abertas ou esparsamente arborizadas, evitando as zonas densamente urbanizadas. É uma espécie residente, que pode ser observada em Portugal durante todo o ano. Saliente-se que frequentemente são efectuadas largadas de aves desta espécie, para fins cinegéticos.

Sardões (Lacerta ocellata)

Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal

Lacerta lepida Daudin, 1802

Sardão

Lagarto ocellado, Ocellated Lizard

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

O sardão é o maior lacertídeo existente em Portugal. Espécies próximas estão descritas para o Norte de África, com *Lacerta tangitana* em Marrocos e *Lacerta pater* na Tunísia e Argélia (Matazo et al., 1996).
Na Europa, são aceites quatro subespécies de *Lacerta lepida*: *L. l. iberica*, no Norte de Espanha, *L. l. oteroi*, na ilha de Sálvora, Norte de Espanha, *L. l. meridensis*, nas montanhas Béticas, e *L. l. lepida*, que ocupa a restante área de distribuição (Matazo & Castroviejo, 1990; Matazo et al., 1996; Castroviejo & Matazo, 1998).

Foi sugerido que o nome do género mudasse de *Lacerta* para *Timon*, o actual subgénero (Mayer & Bishoff, 1996). Nestas condições, os novos nomes seriam, então, *Timon lepida*, *Timon tangitana* e *Timon pater*. Contudo, esta sugestão não tem sido adoptada de forma generalizada e a nomenclatura anterior continua a ser aceite. Paulo et al. (2001, 2008) realizaram a análise filogeográfica da espécie europeia baseada em DNA mitocondrial, nomeadamente nos genes citocromo b, 12S e 16S, e em dois genes nucleares, o beta-fibrinogénio e o CMos. Os resultados mostram uma diferenciação considerável da subespécie *L. l. meridensis* em relação aos restantes grupos ibéricos, a que corresponderá um tempo de divergência de 8 a 10 milhões de anos. Existe ainda, uma diferenciação acentuada do dado que inclui a subespécie *L. l. iberica* em relação aos dados correspondentes à subespécie *L. l. lepida* (cerca de 1 a 2 milhões de anos). Nesta última subespécie detectaram-se vários dados com uma clara associação geográfica e sucessivos níveis de diferenciação. O primeiro ocupa a região do Algarve e o sul do Alentejo, o segundo ocorre na região do Sistema Central Ibérico, o terceiro estende-se por todo o sul da Península até ao Oeste e Sul de França e, provavelmente, o Norte de Itália, e finalmente o quarto terá derivado deste último e ocupa o Oeste de Portugal, entre o rio Tejo, a sul, e o rio Douro, a norte. Ficou, também, evidente que não existe uma justaposição geográfica perfeita entre o tipo morfológico que corresponde à subespécie *L. l. iberica* e a linhagem genética que lhe está associada, sendo esta mais ampla na sua distribuição do que a subespécie referida.



DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

A distribuição da espécie europeia de sardão inclui a maior parte da Península Ibérica (exceto o extremo norte da Cordilheira Cantábrica e os Pireneus), o Sudeste de França e a Ligúria italiana, assim como algumas áreas isoladas no Sudoeste da costa atlântica francesa. Hábitat, ainda, algumas ilhas do litoral galego (Sálvora, Ons, San Martin, Monteagudo, Faro, Cortegada, Arca, Toja Grande, Palomas, Olla) e das Ilhas francesas (Oleron, Porquerolles).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal continental o Sardão existe em todo o território, variando a sua abundância e conspicuidade de acordo com o tipo de habitat. Como a maior parte dos répteis, depende da existência de abrigos, que são muito variáveis de habitat para habitat. De uma forma geral, são mais abundantes nas zonas montanhosas e rochosas do Norte do país do que nas planícies do Sul. A norte do rio Douro, pelo menos na região mais atlântica, parece ocorrer a subespécie *L. l. iberica*, mais pequena e de tons mais escuros, enquanto *L. l. lepida* se distribui pelo restante território. Na ilha da Berlenga, a espécie terá permanecido isolada desde há cerca de 9.000-10.000, eventualmente adaptando a sua morfologia, estrutura social e comportamento às condições insulares. Na década de 80 do século passado ainda existiam cerca de 200 indivíduos mas o seu declínio era já detectável. Em 2001 deixaram de se fazer censos regulares e a sua observação na ilha é, actualmente, muito esporádica (A.C. Luz e J.P. Amarel, comunicação pessoal).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Sendo um dos maiores lacertídeos europeus, apresenta populações de baixo efectivo e, por isso, de maior vulnerabilidade à perturbação dos habitats. A espécie está em clara regressão por quatro razões principais: i) a destruição do habitat resultante da expansão urbana e da ocupação do solo para múltiplas actividades humanas; ii) a fragmentação dos habitats, que promove a extinção local das populações mesmo quando o habitat ocupado não é destruído; iii) a utilização massiva do território permitida pela expansão da rede viária, pelos veículos de todo o terreno e pelas

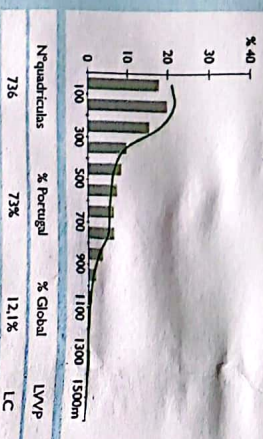
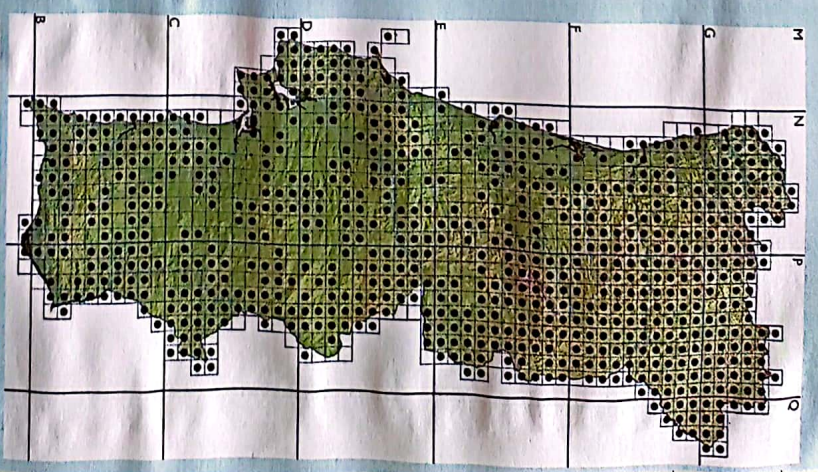


actividades de lazer, e, finalmente, iv) a actividade agro-florestal industrial intensiva, que leva à redução do habitat e à perda de vilgios e de recursos alimentares. Uma observação comum é a existência da espécie num determinado habitat acompanhada da baixa redução do tamanho dos indivíduos, o que sugere uma recente mortalidade dos adultos, com incidência nas classes de maior tamanho corporal e, por consequência, de idade. Este facto poderá estar ligado ao aparecimento de um novo factor de mortalidade, investente há cerca de 20 ou 30 anos, como a indúzia pelas vias rodoviárias. Esta espécie é já rara em muitas zonas do Sul e Centro do país, mas as populações de montanha, sobretudo no Norte, são as menos afectadas. A população da ilha da Berlenga apresentou, desde 1994, um declínio acentuado, tendo por isso sido sujeita a um plano de recuperação que consistiu na criação em cativeiro de ovos e juvenis de fêmeas trazidas na ilha grávidas, ou cruzadas em cativeiro com machos de origem insular. A criação em cativeiro revelou-se um sucesso, tendo sido libertado na ilha um total de 21 juvenis e subadultos, e mandados em outros exemplares em cativeiro. A interrupção do projecto de recuperação e a ausência de medidas de gestão do habitat terão levado a que população da ilha da Berlenga passasse de um total e 10-20 indivíduos, em 2001, para uma situação de extinção iminente, ou mesmo real.

Octávio S. Paulo

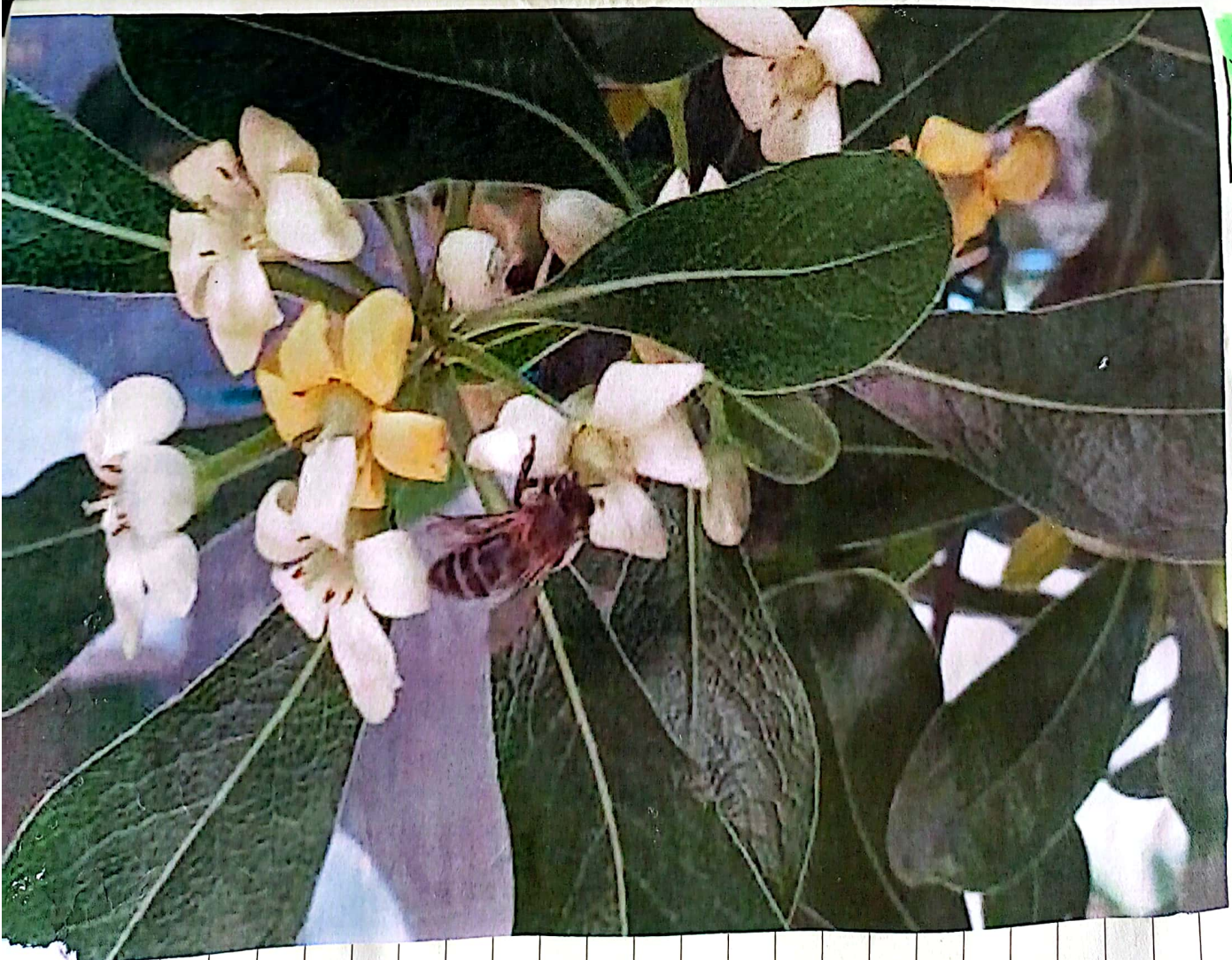


Sub-adulto PNG





Gervásio o fotogénico, da Falagueira



• Abella



Formiga

Descrição

Planta herbácea anual ou bienal, erecta, ascendente ou prostrado-ascendente; pétalas três vezes maiores que o cálice, violáceas ou violáceo-purpúreas; fruto, em aquénio, rugoso transversalmente (8,16).

Distribuição e habitat

Europa (incluindo Portugal), Norte de África, Sudoeste da Ásia, introduzido na América. Vegeta em habitats abertos e soalheiros, em terrenos baldios, beirada de estradas, sebes e pastagens; tolera temperaturas até -15 °C (13,16,23).

Partes utilizadas

Flores e folhas (17).

Propriedades farmacológicas

Pelo seu conteúdo em mucilagens tem acção anti-inflamatória nas mucosas respiratória e digestiva; propriedades laxantes (3,26).

Principais usos médicos e etnomédicos
Segundo a Comissão E, está aprovada para inflamações da mucosa bucofarín-

Malva sylvestris L.

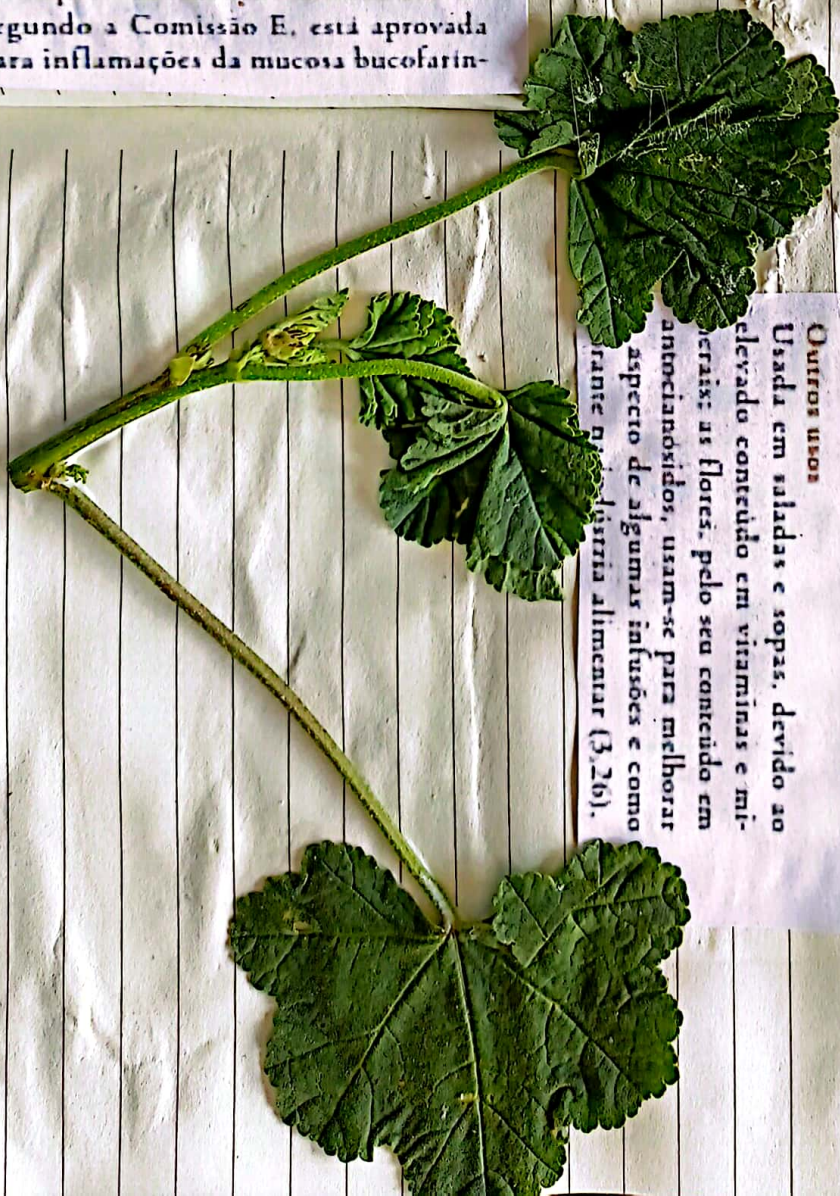
M. mauritiana L.
M. sylvestris subsp. *mauritiana* (L.) Boiss. ex Cosq.
M. eximia C. Presl.
M. ambigua Cass.
M. sylvestris subsp. *ambigua* (Cass.) P. Fourn.
M. sibiriana Kuny
M. sylvestris subsp. *sibiriana* (Kuny) H. Fourn.



Malvaceae

C16 L8

856/1999



malva-comum, malva-da-boiçoca,

malva-maior

CEFA

gea, tosse seca ou irritativa. Também está indicada para inflamações das mucosas gastrointestinais e como laxante suave. Popularmente, também se usa como anti-inflamatório local, nomeadamente, em feridas, abscessos, furúnculos, vulvovaginites e picadas de insectos (3,5,26).

Outros usos

Usada em saladas e sopas, devido ao elevado conteúdo em vitaminas e minerais; as flores, pelo seu conteúdo em antocianósidos, usam-se para melhorar o aspecto de algumas infusões e como fruteira na hortaria alimentar (3,26).

Descrição

Planta herbácea anual ou bienal, erecta, ascendente ou prostrado-ascendente; pétalas três vezes maiores que o cálice, violáceas ou violáceo-purpúreas; fruto, em aquênio, rugoso transversalmente (8,16).

Distribuição e habitat

Europa (incluindo Portugal), Norte de África, Sudoeste da Ásia, introduzido na América. Vegeta em habitats abertos e soalheiros, em terrenos baldios, beirada de estradas, sebes e pastagens; tolera temperaturas até -15°C (13,16,23).

Partes utilizadas

Flores e folhas (17).

Propriedades farmacológicas

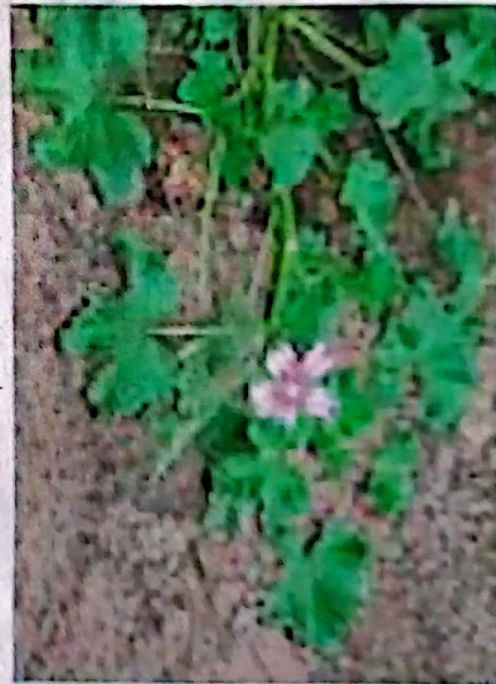
Pelo seu conteúdo em mucilagens tem acção anti-inflamatória nas mucosas respiratória e digestiva; propriedades laxantes (3,26).

Principais usos médicos e etnomédicos
Segundo a Comissão E, está aprovada para inflamações da mucosa bucofarín-

856/1999

C16 L8

Malvaceae

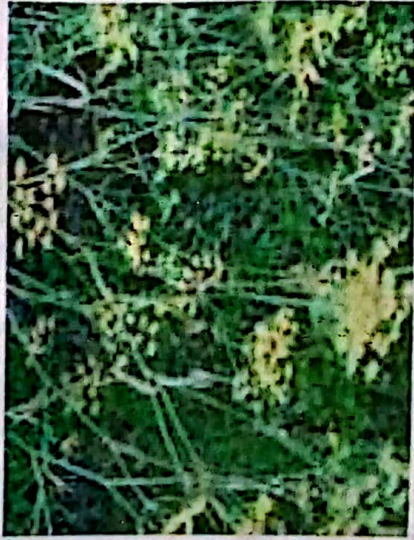


Malva *sylvestris* L.

M. mauritiana L.
M. sylvestris subsp. *mauritiana* (L.) Bawa, ex Coart.
M. creta C. Presl.
M. ambigua Guss.
M. sylvestris subsp. *ambigua* (Guss.) P. Fourn.
M. sibiriana Rooy.
M. sylvestris subsp. *sibiriana* (Rooy) P. Fourn.

Foeniculum vulgare Mill.

Anethum foeniculum L.
Foeniculum capillare Gilib.
F. officinale All.
F. piperitum (Ursin) Sweet
F. vulgare subsp. *piperitum* (Ursin) Heg.



Apúrcere
C18.1.6
Viveiros JB



Descrição

Planta herbácea, bienal ou perene, 70 a 180 cm; caules azulados; folhas compostas e pecioladas; flores reunidas em umbelas, amarelas; frutos oblongos, primeiro azulados e depois negro-grisáceos. Existem duas variedades: a amarga e a doce (8,16).

Distribuição e habitat

Europa, região Mediterrânica; a variedade amarga é espontânea (e muito abundante) em Portugal (Norte e Centro); a doce é cultivada em todo o mundo. Vegeta em locais amenos, em solos bem drenados e com sol (13,16).

Partes utilizadas

Frutos da variedade amarga (*F. vulgare* subsp. *vulgare* var. *vulgare*) e da variedade doce (*F. vulgare* subsp. *vulgare* var. *dulce*); ocasionalmente raízes e folhas da variedade amarga; óleo essencial (3,17).

Propriedades farmacológicas

Os frutos, pelo seu conteúdo em óleo essencial, possuem acções expectorante, anti-sepsis...

Em doses elevadas consideram-se ematogogos. As folhas têm acção anti-séptica e as raízes efeito diurético (3,17,26).

Principais usos médicos e etnomédicos
Segundo a Comissão E, os frutos e o óleo essencial estão aprovados para o tratamento de dispépsia, cólicas gastrointestinais, flatulência e em catarros das vias respiratórias superiores. Popularmente, usa-se em situações de amenorria, dismenorria e perturbações ligadas ao climatério. Externamente, os frutos e as folhas aplicam-se nas inflamações das mucosas oculares e da orofaringe (5,17,18).

Outros usos

Óleo essencial usado na indústria farmacéutica como corrector de sabor; folhas usadas em culinária; sementes, no fabrico de licores (3).

Observações

Contra-indicado em doses elevadas, devido à neurotoxicidade do anetol; usar preferencialmente o **funcho doce**, visto o amargo conter mais fenchona no óleo essencial (17).

Funcho, folha
CEFA

A nossa escola

